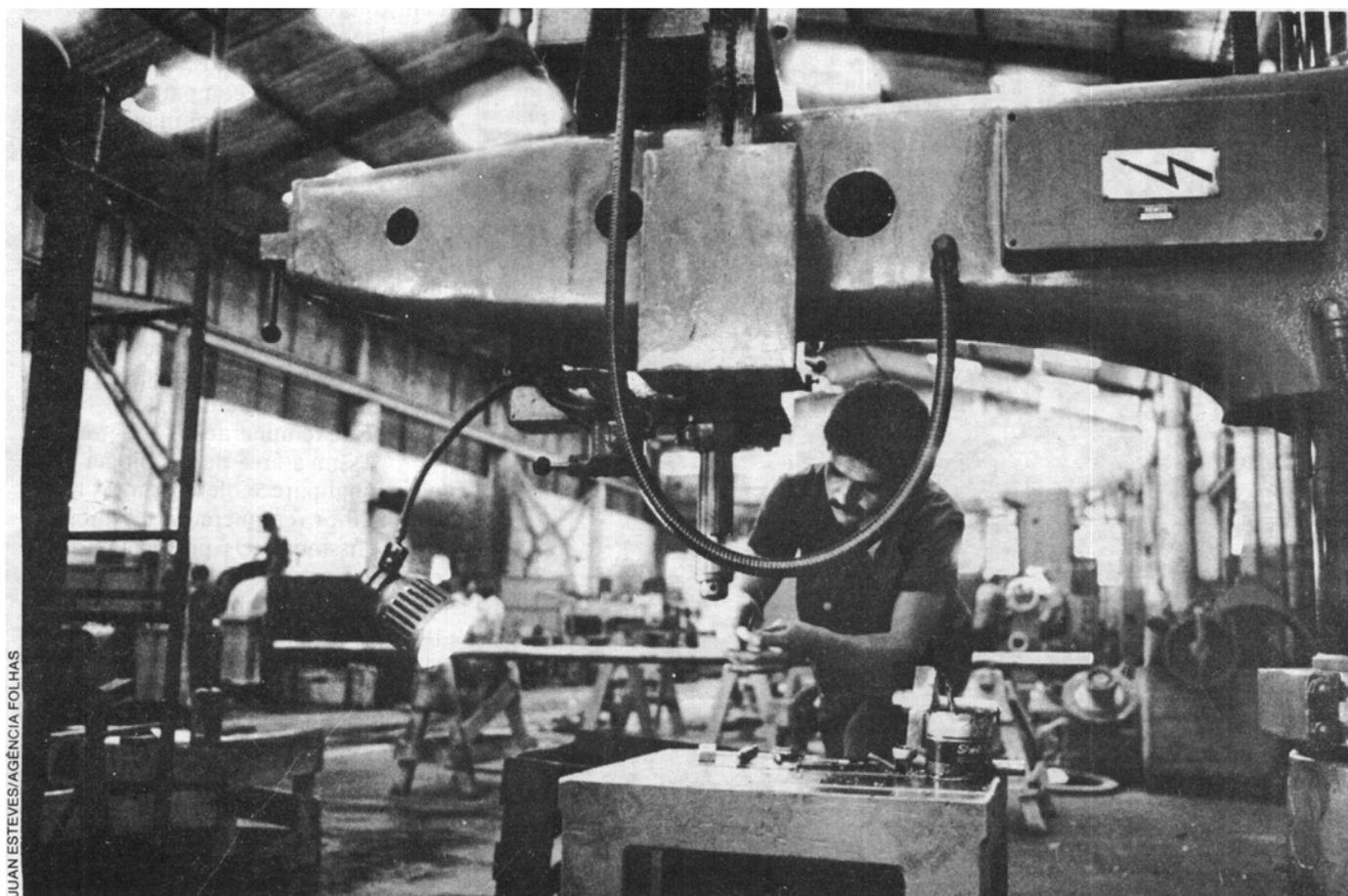


Resignificando as determinações históricas da seleção de pessoal

Selmira Mainieri Paulon

Pós-graduada em Psicodiagnóstico pela PUCRS e psicóloga da INTERSECÇÃO - Trabalho e Pesquisa em Psicologia Social em P.Alegre-RS.



JUAN ESTEVES/AGÊNCIA FOLHAS

Tomando como objeto de entendimento a Seleção de Pessoal em sua prática psicológica, podemos identificar variados caminhos de influências contextualizando o significado que assume atualmente. Numa abordagem extremamente simplista, esta atividade se justifica porque existem trabalhos diferentes e existem pessoas diferentes. Organizar tais diferenças de modo que as capacidades pessoais correspon-

dam às exigências do trabalho, é ajudar pessoas a serem produtivas e a obterem satisfação com aquilo que fazem. Ajudar pessoas a passar bem, é trabalho do psicólogo. Por isto é que foi chamado a fazer "Seleção de Pessoal" nos locais de trabalho.

A presença do psicólogo nesta atividade se relaciona com o binômio dotação natural X complexidade de trabalhos. Basta olhar ao nosso redor para reconhecermos uma variedade de

aptidões humanas e de modos de aproveitá-las em atividades socialmente diferenciadas. Portanto, o que se evidencia é que a natureza humana se coloca de modos diversos numa gama de aptidões cujo exercício resultou em atos, modos de sobrevivência, artesanatos, ofícios, técnicas, profissões. Quanto aos trabalhos existem desde "extremamente importantes — possíveis somente para pessoas com dotação especial —", aos "extremamente

simples — destinados às pessoas escassamente dotadas”. Estudar as aptidões humanas e entender a melhor forma de aproveitá-las no trabalho está no campo psicológico, o que configura como psicológicas as atividades em Seleção de Pessoal

Há ainda a considerar que entender a vida, os seres vivos animados e inanimados, o mundo, o universo, o concreto e o abstrato, quem tem poder sobre o quê e sobre quem, o que vale mais e o que vale menos, o certo e o errado, o possível e o impossível etc., é muito complexo. É preciso ordenar tudo, de modo a se ter um ponto de partida e um ponto de chegada. De modo a se ter positivamente certezas de que estamos no caminho certo e de que dominamos a “Verdade”. Para tanto é necessário estabelecer uma hierarquia de importâncias que tenha seu cume no matematicamente certo, e não tenha lugar para o não comprovável.

Nesta linha de raciocínio, um fato expressivo a considerar na relação do homem com o trabalho é o que o homem é capaz de produzir. A Seleção para o Trabalho se explica e se esgota na produção e só há lugar para o psicólogo que souber incrementar essa produção enquanto finalidade precípua do trabalho ou... não há necessidade de psicólogo.

Mesmo colocado nessa forma rudimentar, reconhecemos verdades em tais afirmações. Tanto que são elementos de importantes desenvolvimentos teóricos que deram nome a muitos pensadores. Nas primeiras abordagens identifica-se o substrato da Psicologia Diferencial e seu correlato, a teoria das aptidões. Depois abordamos um aspecto da divisão do trabalho; por último, a linha mestra do pensamento filosófico da Escola que marca presença na maior parte das teorias psicológicas do século atual, especialmente no que diz respeito à psicotécnica e psicometria: o positivismo.

Temos aqui as grandes linhas do pensamento que determinaram o modo de ser dessa atividade psicológica que poderia ser uma excelente oportunidade de aplicar o entendimento da natureza humana, já que se situa na intersecção do homem com seu modo de sobrevivência. Mas... não é isto que ela tem sido.

Seleção e Orientação Profissionais são conseqüências práticas diretas dos estudos de Psicotécnica, que por sua vez “Consiste na aplicação do

experimento psicológico as atividades humanas, tomando em conta as aptidões individuais para as distintas profissões”. É, portanto, um resultado prático de estudos sobre aplicações práticas, o que aponta de per si para um afastamento da teoria. Constatação que nos leva à obrigatoriedade de retomar a teoria.

Para entender a Psicotécnica, precisamos passear nos laboratórios de Psicologia Experimental em final do século XIX. Observar a engenhosidade dos aparelhos, a proximidade entre Psicologia e Fisiologia, o entusiasmo pela medida, o interesse pela Psicofísica.

Paralelamente desenvolveu-se a Psicometria, uma conseqüência do valor dado à avaliação quantitativa das condições psicológicas.

Por outro lado, é necessário também lembrar os diversos estudos feitos entre final do século XIX e início do XX, sobre diferenças individuais. Esses estudos tanto foram estimulados nos laboratórios experimentais quanto se desenvolveram em segmentos outros, tanto da Psicologia (teorias fatoriais da inteligência, tipologias ...), quanto de outras ciências (estudos sobre hereditariedade de Galton, craniometria e antropometria, evolucionismo de Darwin ...).

Da comprovação de que os seres humanos são diferentes entre si veio a conclusão de que não é possível submeter todos a idênticos sistemas de estudo e trabalho, o que constitui um reforço científico para favorecer diferentes oportunidades. Ou seja, arrumou-se uma desculpa para selecionar oportunidades de acordo com as aptidões individuais.

Nessa mesma época, despertar do século XX, está ainda muito próximo o nascimento da Psicologia como ciência independente e não mais ramo da Filosofia. Para afirmar sua independência, nossa jovem ciência comportou-se como qualquer jovem em busca de autonomia: nega suas influências anteriores e entrega-se totalmente a um modelo novo que esteja em moda e lhe pareça forte. Isto correspondia a se vincular à Filosofia positivista.

Heather (3) nos oferece um excelente retrato genérico do Positivismo e de como suas influências se fizeram sentir na Psicologia, determinando seu pensamento científico até hoje: movimento intelectual que propõe uma organização sistemática e racional da sociedade e que compreende os pro-

blemas humanos, toda a complexidade dos comportamentos, das instituições, da política, através dos mesmos métodos com que desvenda os mistérios dos neutrons na Física, das fórmulas químicas, dos gens biológicos. Tal atitude intelectual disseminou-se compactamente e vem formando, condicionando o modo de pensar de várias gerações.

Tiveram efeito especial sobre a Psicologia dos acontecimentos — um teórico e um metodológico — dentre os que marcaram o progresso do Positivismo: a) publicação do “Origem das Espécies”, de Charles Darwin, em 1859, facilitador de modo determinante do entendimento do homem como organismo; b) abertura do primeiro laboratório psicológico de Leipzig — 1879 — quando Wundt e seus discípulos criam o precedente de toda a base *experimental* da Psicologia acadêmica posterior.

“Segundo o postulado positivista, podem ser observados e descritos (e ser objeto de uma ciência), somente os objetos percebidos como partes do mundo físico: fatos psíquicos só se deixam examinar sob o ângulo social-dependente, pois, da Sociologia, ou sob o aspecto de suas bases biológicas-fisiológicas” (1:20). Ao adotar este modelo, a Psicologia passa a ser subsidiária da Biologia, e seu objeto de estudo, o homem, a ser visto como simples *objeto*. Tal postura gera conseqüências incontroláveis: os movimentos de correntes mecanicistas e reducionistas da Psicologia; a coisificação do humano; a crença de que é possível manter uma atitude de neutralidade numa relação homem-homem em situação de intensa mobilização emocional.

E por tais caminhos do pensamento que chegamos em 1911 na definição da Psicotécnica dada por Hugo Münsterberg (Apud 2: 20): “*Ciência da aplicação prática da Psicologia posta a serviço dos problemas culturais*”. Cultura por ele tomada em sentido extensivo de modo que diz respeito a toda e qualquer classe de atividade. Explicitamente o autor coloca que a consideração sobre a nobreza ou não deste fim prático não é problema da Psicologia e sim de outros ramos do conhecimento — Ética, Filosofia Social, Religião. Conceito evidentemente desmoralizante e anulante da ciência psicológica, que, aliás, dentro da tese positivista nem tem lugar na hierarquia das ciências.

Por outro lado, explicar psicologicamente o homem dentro do modelo

das ciências biológicas, traz importan-
tíssimas conseqüências para as consi-
derações que os homens tecem sobre si
mesmo, para as relações que estabele-
cem entre si, inclusive, para a organi-
zação do mundo do trabalho.

Pois vejamos: se aquilo que o
homem é, sente, faz, tem capacidade
de produzir está biologicamente deter-
minado, por mais que sua personali-
dade sofra influências, ele será sempre
fruto daquele ponto de partida enri-
quecido. Se não houver ponto de par-
tida, não há o que enriquecer. Conser-
va-se, portanto, uma dependência di-
reta da natureza com o tipo de desen-
volvimento que a pessoa terá. Além
disto, acrescentar algo, enriquecer,
implica desenvolvimento mas não
transformação. Na verdade, dentro
desta visão de homem, mudanças reais
são essencialmente impossíveis.

Daí porque essa interpretação
da Psicologia como subsidiária das
ciências naturais e mais diretamente
da Biologia, é tão bem aceita pelos in-
teressados em manter as coisas tal
qual estão. Não é muito difícil identi-
ficar a quem interessa a manutenção
do *status quo*. Marx nos passa uma
idéia muito clara a este respeito:

*"As idéias da classe dominante
são, em todas as épocas as idéias domi-
nantes, ou seja a classe que é o poder
material dominante da sociedade é, ao
mesmo tempo, o seu poder espiritual
dominante... Os indivíduos que consti-
tuem a classe dominante também têm,
entre outras coisas, a consciência, e daí
que pensem; na medida, portanto, em
que dominem como classe e determinam
todo o conteúdo de uma época histórica;
é evidente que o fazem em toda a sua
extensão, e portanto, entre outras coi-
sas, dominam também como pensado-
res, como produtores de idéias, regulam
a produção e a distribuição de idéias de
seu tempo; que portanto, as suas idéias
são as idéias dominantes da época".*
(5:59)

Em estudo desenvolvido "Sobre
o mundo do trabalho, as determina-
ções sócio-histórico-psicológicas, e a
possibilidade de escolha" (6), fizemos
uma retrospectiva do conceito de apti-
dão e vimos que a crença na aptidão
como dom natural está retomada. Isto
é, mesmo que ao longo do tempo te-
nha se estabelecido o reconhecimento
da cultura e do meio na formação do
homem, mesmo definindo o homem
como um ser social, continuamos a
pensar que estas múltiplas influências
se fazem sobre um substrato biológico
e hereditário. De algum modo, este

principal condicionante resulta em ca-
pacidades, limitações, interesses, gos-
tos, num modo próprio de ser e agir,
enfim, resulta em uma dada personali-
dade.

O que mais chama a atenção
nesta revisão histórica do conceito de
aptidão é que este é o entendimento
que aparece já no século XV. Portan-
to, é o mais distanciado no tempo, o
mais retrógrado, o que se faz presente.
São cinco séculos de história em que o
homem, através de suas aptidões, tem
transformado o mundo. Mas não foi
apto para descrever a transformação da
própria aptidão, pois, certamente, as
aptidões em si estão visceralmente
transformadas. Basta lembrar, como
exemplo, a aptidão para ser tecelão no
século XV, e o que significa hoje ser
operário, mestre ou proprietário de
uma fábrica de tecidos; ou, o tipo de
aptidão mental necessária ao conhe-
cedor das matemáticas do século XV e a
do nosso atual programador de com-
putador.



Pensar estas comparações nos
remete a um importante questiona-
mento: como se estabelece a relação
entre as aptidões humanas e a comple-
xidade do mundo do trabalho? Isto é: é
o trabalho que cria aptidões mais
complexas ou é a aptidão mental que
cria trabalhos mais complexos? Em
qualquer hipótese, se nos reportarmos
às aptidões inatas, ou às influências do
meio, ou à ação conjunta de ambos os
fatores, não encontraremos saída para
o problema. Vejamos: se o homem
nasce com suas aptidões, como pode
inventar trabalhos que exijam outras?
Se o meio influi sobre as aptidões,
quem influi sobre o meio? Se há um
jogo de influências entre meio e apti-
dões, como se operam mudanças?

Sem pretensões de ter a resposta,
mas como ponto de partida para pen-
sá-la, adoto a opinião de que o traba-

lho constrói a aptidão na medida em
que o homem constrói o trabalho e se
constrói. Assim, é no desempenho do
fazer, na ação concreta do trabalho
que o homem domina o trabalho e a si
mesmo, constrói sua natureza humana
e constrói novas formas de agir sobre
a natureza, novas aptidões, portanto.

*"Não existe, portanto, uma natureza
humana definitiva, estável, como quer a
Psicologia corrente; ela vai se consti-
tuindo histórica e socialmente pela luta
do homem com o ambiente, pela intera-
ção entre os indivíduos, pelo trabalho,
pela educação" (4:162).*

Entendida desta maneira, a úni-
ca e verdadeira natureza humana é a
social e histórica e para que se consti-
tua uma atividade humana é preciso
que se desenvolva sobre o biológico
funções novas e próprias da vida em
sociedade; funções estas, dialética e
historicamente construídas como pro-
dutos das interações entre os indivi-
duos, entre os grupos sociais, entre os
indivíduos e a sociedade.

O homem é, portanto, permanen-
temente um projeto de vir-a-ser,
um homem em movimento que se
constrói na concretude de sua história
de vida.

Esta é uma forma de ver o ho-
mem que reposiciona a presença do
psicólogo na escolha da vida de traba-
lho.

Selecionar pessoas para assumi-
rem determinadas posições na vida
produtiva, é a forma mais direta de
enfrentar o impasse dentro do qual vi-
vemos exatamente enquanto psicólo-
gos: Como contribuir para que pes-
soas se realizem, se desenvolvam, se
hominizem dentro das condições de
trabalho que nossa sociedade capita-
lista oferece?

Fazer Psicologia dentro das or-
ganizações de trabalho, é encarar de
frente este problema que existe para o
psicólogo em qualquer atividade que
escolha. Porém, esta é uma atividade
em que as contradições de nossa pro-
fissão estão ali, latejando e dificultan-
do o "virar as costas" e o "fazer de
conta" que estão alhures, em algum
outro "ramo" da Psicologia.

Assim como não existe uma na-
tureza humana definitiva, evidente-
mente não existe uma Psicologia defi-
nitiva. Cabe ao psicólogo defini-la en-
quanto faz seu trabalho, enquanto co-
loca no ato de trabalhar aquilo que
entende sobre a natureza psicológica
do homem, enquanto realiza seu pro-
jeto de ser um entendedor da natureza
humana, um facilitador das relações e

das realizações dos homens para que se façam e se sintam mais homens.

O homem que se esclarece sobre o vínculo que tem com o trabalho que

realiza, está, no mínimo, mais perto de si mesmo, mais apropriado de si. Uma forma de contribuir para isto é fazer da atividade de selecionador de pes-

soal uma oportunidade de conscientizar pessoas sobre seu projeto profissional, projeto de vida e possibilidades que o mundo real lhe oferece.

ERRATA

No artigo "Estudo sobre a clientela da área de saúde mental em Varginha", de José Roberto Sales, no nº 2, ano 9, desta Revista, à página 23, 3ª coluna, 1º parágrafo, deve ser lido: *Da população masculina, é a mais suscetível ao tratamento*; no 2º parágrafo: *Quanto ao sexo...*; e na tabela II, à página 24, *angústia*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BUCHER, R. Psicologia científica: Realidade ou mito? *Revista Psicologia, Ciência e Profissão*. Brasília. C.F.P. 1 (1), jan., 1981.
2. FINGERMANN, G. *Psicotécnica y Orientación Profesional*. Buenos Aires, El Ateneo, 1968.
3. HEATHER, N. *Perspectivas radicais em Psicologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
4. LIBÂNIO, J.C. Psicologia educacional: uma

avaliação crítica. In: LANE, S. T.M. e CODO, W. (orgs). *Psicologia Social — o homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

5. MARX, K. e ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Lisboa, Avante, 1981.
6. PAULON, S. M. Chamado igual em classes desiguais? *Revista Mundo Jovem*, Porto Alegre, XXVI, (196): 2-3, abr. 1988.

CONTRAPONTO

Seleção e "inversão" da socialização do trabalho

Marco Antônio C. Figueiredo

Prof. da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Riberão Preto

Uma das mais freqüentes preocupações daqueles que buscam discutir os limites da Seleção Profissional e seu papel, dentro do quadro de referência da atuação do psicólogo no âmbito da Organização do Trabalho, se liga ao caráter positivista das estratégias utilizadas e à concepção mecanicista atribuída à relação homem-trabalho. Realmente, desde o momento em que o movimento taylorista colocou na ordem do dia, com a gerência científica, a necessidade de adequar o homem à tarefa fragmentada, a psicologia se investiu da missão de descobrir atributos psicológicos que pudessem estar associados ao desempenho profissional.

Entretanto, o maior dilema que o psicólogo hoje enfrenta, ao exercer as atividades de Seleção, decorre do duplo caráter que a produção adquire, ao se desenvolver: enquanto a especialização simplifica os procedimentos de Seleção, facilitando o estabelecimento de critérios operacionais e a validação das medidas tomadas, ao mesmo tempo a cooperação socializa, transportando o foco da Seleção para o nível das relações psicossociais do trabalho.

O resultado é um novo ganho

em complexidade que coloca a Seleção Profissional frente a novas questões que, transcendendo a esfera do controle técnico do trabalho, a transporta para esfera política da produção. Se, anteriormente, recém-saída do taylorismo, a psicométrica clássica buscou adequar trabalhadores e funções, a partir da perspectiva de avaliação de atributos relativamente estanques de homens e cargos, com a socialização o controle se estende, perde a especificidade do posto de trabalho, e se desdobra para fenômenos que ultrapassam as barreiras da tarefa imediata.

O parcelamento esvazia o trabalho do seu significado, para o trabalhador; o controle se desloca, do âmbito técnico do trabalho, para o redu-to da internalidade do trabalhador. E, nesta passagem, as práticas de Seleção acompanham esse movimento, buscando na avaliação de atitudes, liderança, motivação, etc, as premissas para seus prognósticos e validações.

Esse deslocamento caracteriza a ideologia passada da produção para a sociedade; caracteriza a tentativa da conquista da subjetividade do trabalhador, tendendo à separação das téc-

nicas de produção das técnicas de dominação, saindo do controle taylorista para a esfera política da produção. Frente à socialização da produção, a psicologia responde com a referência no indivíduo, com a internalização do controle.

Esta mesma inversão pode ser observada em algumas correntes que criticam a psicologia do ponto de vista da devolução do processo de hominização na produção. Estas correntes acabam colocando a psicologia como um instrumento de conscientização, cuja missão é esclarecer o indivíduo a respeito de sua vinculação ao trabalho, buscando devolver ao indivíduo a reapropriação de si.

Mantendo-se no referencial da psicologia, a "crítica" persevera nas formas fetichizadas e se volta para o indivíduo psicologicamente descritível, invertendo o processo de socialização. E esse poder desmobilizador age como um "tampão" à evolução da consciência de classe, se referindo à contradição no seu efeito imediato, conservando a resistência do trabalhador na sua origem, como simples fatos psicológicos, de indivíduos.